

TRAJETÓRIAS E PERCURSOS / PATHS AND TRAILS SESSION

1

Entrevistada: Professora Doutora Soraya Resende Fleischer – UnB

Entrevistadores: Álvaro Matheus Valim Rosa – Unesp Marília; André Luís Tondato – Unesp Marília; Carlos Eduardo Machado – Unesp Marília; Gabriel Moreira Monteiro Bocchi – Unesp Marília.

Com muita satisfação iniciamos nossa primeira edição da Revista Percursos e nela apresentamos a Seção Trajetórias e Percursos, destinada para entrevistas realizadas com Antropólogos e profissionais de áreas afins. É com muita alegria que nesta primeira edição contamos com a colaboração da professora Soraya Resende Fleischer. Professora do departamento de Antropologia da UnB nos trouxe carinhosamente nessa entrevista, um pouco de sua vida acadêmica e sua formação, nos dando a possibilidade de compreender sua trajetória e os *percurso*s de uma Antropóloga. Com grande apreço agradecemos a professora Soraya Resende Fleischer por nos conceder essa entrevista, que foi realizada durante a 28ª Reunião Brasileira de Antropologia em São Paulo no ano de 2012 e completada via e-mail posteriormente, dividindo assim, um pouco de si e um pouco de sua trajetória.

Entrevistadores - Quando e como entrou no curso de Ciências Sociais na UnB?

Soraya Resende Fleischer - Primeiro, eu queria agradecer pelo amável convite para conversar com vocês. Entrevistas, fazemos com nossos interlocutores em campo a todo o momento, mas é importante que também conheçamos nossa comunidade acadêmica. Grata, portanto, pelo privilégio de falar para vocês.

Para começar, lembro que sou de Brasília e nasci no bairro da Asa Norte em 1974. Em 1992, eu fiz meu primeiro e único vestibular. Eu havia escolhido o curso de Artes Plásticas. Sempre gostei de desenhar, pintar e criar. Fui estimulada a isso a vida toda, desde a infância. No ensino médio, de cinco turmas de terceiro ano, ou seja, de 250 alunos, eu era a única que havia escolhido esse curso. Todos me achavam louca, já que as preferências eram Economia, Medicina, Direito e Engenharia.

Fiz metade do curso de Plásticas. Foram dois anos muito importantes para a formação de minha visão de mundo porque o Instituto de Artes da Universidade de Brasília era muito “prafrentex”, moderno e provocador. A toda hora, tínhamos um artista de outro país que vinha mostrar sua técnica. Eram bandas e festas acontecendo todo final de semana. Para uma recém-egressa de uma escola de ensino médio privada, e bastante convencional, aquilo me fascinou. Fiz amigos, aprendi sobre a vida universitária e sobre a diversidade de gostos, figurino, música, formas de viver a noite e a balada.

Entrevistadores - Porque a escolha pela Antropologia e em que momento se decidiu por essa área?

Soraya Resende Fleischer - Mas na metade do curso, eu percebi que não tinha esse talento todo para as artes. Se eu tivesse ouvido de algum professor que arte não tem necessariamente a ver com talento nato, se eu tivesse entendido que talento é muito mais uma capacidade desenvolvida do que adquirida, é possível que tivesse ficado no curso. Mas, àquela época, eu imaginava que se tinha ou não uma fonte de talento: arte era para os eleitos pela natureza. Outra opção, que infelizmente tampouco apareceu, foi trabalhar com arte e educação. Se eu tivesse sabido, por exemplo, que seria

possível trabalhar com arte dentro de presídios, asilos, hospitais e escolas de ensino especial, também acho que teria ficado. Acho que me identificaria muito com essa alternativa.

Tive uma “crise de meio de curso” (meus alunos atualmente me dizem que isso é um momento muito comum entre o alunado). Eu não me sentia capaz de produzir arte suficiente para pagar minhas contas, uma vez formada; eu não tinha horizontes sobre outros cursos que talvez me interessassem. Como sou de uma família de acadêmicos, um dia meu pai sugeriu que eu tirasse um semestre para fazer várias “Introduções”, quem sabe eu não descobriria um curso com perfil para mim? Segui seu conselho e fiz disciplinas como “Introdução à Geografia”, “Introdução à História”, “Introdução à Sociologia” e “Introdução à Antropologia”. Eu tinha 20 anos à época e fiquei maravilhada com as aulas do Professor Wilson Trajano Filho. Eu não perdia uma história sobre os índios, com o estranhamento sobre o outro etc. Mas o que me capturou naquele tempo foi a possibilidade poder viajar e conhecer muitas sociedades e lugares diferentes. Sou filha de migrantes que vieram de diferentes partes do mundo, para Brasília no início dos anos 1970. Era uma Brasília com pouco mais de uma década de existência. E meus pais levaram a mim e a meu irmão para muitas viagens, por muitos cantos do mundo. Eu viajo desde que me entendo por gente, vivi em muitas cidades, muitas casas. Então, quando eu me deparei com uma profissão que me permitiria continuar fazendo o que eu sempre gostei e soube fazer – viajar – eu me identifiquei muito.

Comecei a fazer as disciplinas exigidas pelo curso de antropologia. Com pouco tempo, eu já estava apta a fazer uma transferência interna, entre departamentos da Universidade de Brasília. Foi assim que entrei no Departamento de Antropologia da UnB, onde cursei a graduação e depois o mestrado. Terminei esse primeiro tempo de formação profissional com 23 anos de idade. Depois, para manter o gosto pela viagem, fui fazer meu doutorado também em Antropologia, só que na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi uma experiência muito proveitosa, para conhecer outras linhas de pesquisa, outros autores e autoras que estavam sendo lidas. Foi nesse tempo, inclusive, que tive a oportunidade de conhecer o Prof. Antônio Braga, da UNESP-Marília. Fomos colegas de doutorado e nos tornamos amigos.

Entrevistadores - Como foi fazer campo pela primeira vez? Você teve ajuda de alguém, foi difícil iniciar o trabalho etnográfico?

Soraya Resende Fleischer - Ainda na graduação, tive um professor, Martin Novión, que foi muito inspirador para mim, sobretudo pela temática com que ele trabalhava (antropologia da saúde, onde sigo até hoje) e pelo incentivo constante de que estivéssemos experimentando concretamente em campo. Fiz várias disciplinas organizadas por ele, que tinha por costume pedir, como avaliação final do curso, um ensaio etnográfico. Para isso, ele sugeria que “caíssemos no mundo”, trazendo para dentro de nossos textos dados empíricos e experiências práticas como pesquisadores. Nesse tempo, fiz pequenas incursões de trabalho de campo, muito módicas e despreziosas. Mas já serviram para “soltar a mão” (como dizemos no desenho), sentir-se mais à vontade em situações em que não se conhece ninguém, escrever diários de campo etc. Então, por exemplo, passei várias noites num restaurante, observando como era a interação entre os garçons e os clientes; achei emprego como garçonete em uma creperia para perceber essa interação de um ponto de vista participante; voltei à minha escola da infância e participei de algumas aulas com as crianças de cinco anos, propondo que desenhassem sobre a “morte”, para perceber que ideias e imagens elas teriam sobre o tema; frequentei por muitas semanas consultórios e salas de espera do ambulatório de dermatologia do nosso hospital universitário para entender como era conviver com doenças crônicas e aparentes (chagas insistentes e visíveis, como pode ser bastante comum no caso de doenças de pele). Foram algumas das experiências de campo que acumulei ainda na graduação.

A grande ajuda, em todos esses casos, veio de Martin, um argentino que passou 30 anos trabalhando na UnB. Ele foi tão influente na antropologia que eu estava começando a trilhar naqueles

anos 90 que recentemente, em parceria com outro pupilo dele, meu colega e professor Carlos Emanuel Sautchuk, organizamos uma coletânea de artigos escritos por Novión, *Anatomias populares*, que saiu publicado pela Editora da UnB¹. Saído do forno em 2013, quando o mestre completaria 70 anos e depois de 10 anos de sua morte, o livro foi uma homenagem, claro, mas também foi uma tentativa de conhecer melhor seu pensamento e, por tabela, as ideias que ele imprimiu em mim. Releer o trabalho dele foi emocionante, porque consegui ver muito claramente o estilo que me atraiu e orientou na Antropologia.

Assim, o incentivo de Martin me acompanhou em campo, pelo menos em espírito, digamos. Mas fui a campo sempre sozinha nesse início. Sim, claro que foi difícil, mesmo sendo uma pessoa faladeira, perguntadeira e desinibida como eu. A sensação mais complicada, que resgato em minha memória, era a inadequação. Eu nunca conseguia me fazer muito clara sobre os objetivos de minha presença em lugares em que eu não era uma cliente, eu não era uma criança ou eu não tinha uma doença dermatológica. Essa sensação perdurava bastante tempo e só fui entender que é preciso passar mais tempo em campo para, ao menos, as pessoas apontarem um lugar para mim. Esse lugar não cessa o desconforto da inadequação, mas cria uma imagem um pouco fictícia e provisória de pertencimento. Ser um pouco cara de pau, fui aprendendo, é bastante importante para entrarmos, ficarmos e sermos aceitos em campo. Mas não aplaca sentirmo-nos forasteiros e um pouco invasivos, apenas camufla esse sentimento por algum tempo e entre algumas pessoas. A sensação de inadequação, devo dizer, continua em minha experiência de etnógrafa em campo até hoje e a notícia difícil é que ela transbordou do campo para o “aqui”, no gabinete e a vida pessoal. Estamos sempre vendo o mundo com olhos de inquietação e o mundo nos olha de volta identicamente, espantado com nossas perguntas.

Entrevistadores - Como chegou à antropologia da saúde e aos temas que trabalhou? Por exemplo, sobre as parteiras que você descreve em seu livro?

Soraya Resende Fleischer - Como disse acima, Novión foi fundamental para me apresentar aos temas da saúde. Com ele, fiz as disciplinas “Antropologia da saúde”, “Antropologia do corpo”, “Antropologia da morte”. É desde a graduação, portanto, que tenho seguido esse tema, de uma forma ou de outra.

Para a minha monografia de graduação, como comentei, fiz pesquisa dentro de um hospital. E esse espaço tem sido me instigado desde então. Adoro estar dentro dos hospitais, vendo as relações entre equipes profissionais e pacientes e seus familiares. Realmente esses espaços – onde tanta coisa acontece – me atizam a curiosidade antropológica. Acho que a doença é um momento existencial tão forte na vida das pessoas, onde os valores mais candentes ficam à flor da pele. Eis que a antropóloga entra bem ali para observar e entender esses valores e esse momento difícil para essas pessoas.

O tema da saúde também me permite exercer meu comprometimento político porque a saúde – como política pública, como decisão das diferentes escalas de poder, como instituições – produz tantos ruídos e conflitos, tanta exclusão e desigualdade (e dois franceses – Michel Foucault e Didier Fassin – são grandes inspirações aqui). Ela também é um tema que me permite o diálogo interdisciplinar com outras áreas, como a Saúde Coletiva, a Enfermagem, a Medicina, a Veterinária, a Farmácia. Manter-me nessa interface a todo o momento é um desafio e tanto. Não posso simplesmente falar em “antropologuês”; preciso me fazer clara, me traduzir, por vezes também ser sintética e pragmática (opções discursivas tão espinhosas para a antropologia!). Essas áreas também ajudam a sacudir a antropologia porque elas têm, em geral, um pé muito fincado na prática profissional, fora da universidade e dentro dos serviços de saúde. Esse formato de atuação me motiva a estar sempre

1 *Anatomias populares: A antropologia médica de Martín Alberto Ibáñez-Novión*. Brasília: EdUnB, 2012.

pensando como faço antropologia e como posso melhorar minhas análises e comunicação porque me levanta espelhos o tempo todo, apontando certo diletantismo de nossa área, mas ao mesmo tempo revalorizando, a meu ver, nossa capacidade reflexiva, igualmente importante para repensar os serviços de saúde.

São esses diálogos que têm motivado as escolhas de meus temas de pesquisa mais recentes. São relatos autobiográficos de pacientes ou de pessoas que vivem com certa doença, são desabafos de frustração e tristeza de profissionais de saúde, são projetos de lei e notícia de jornal que me chegam às mãos e descrevem fenômenos tão atuais que nossa sociedade vivencia. São esses fragmentos que me inquietam e que me dão vontade de entender melhor. O tema das parteiras, por exemplo, surgiu quando eu era assessora técnica de uma organização não governamental socioambiental, no início dos anos 2000. Em um encontro sobre preservação do Cerrado brasileiro (nosso principal foco de atuação nessa ONG), estiveram presentes várias parteiras, benzedeiras e raizeiras. Elas vinham comunicar a adesão à preservação de matas e rios, já que sem eles essas terapeutas estariam impossibilitadas de exercer seus ofícios. Eu nunca tinha conhecido uma parteira antes, e sequer poderia imaginar que elas fizessem alinhavos tão relevantes entre preservação ambiental e atuação como profissionais de saúde. Eu quis conhecer não só o movimento social das parteiras brasileiras, como também o parto domiciliar e os desafios específicos que vinham enfrentando. Daí foi um pulo para encontrar as ONGs e atores/atrizes que junto com as parteiras trabalhavam. O resto da história é longo e pode ser melhor contado no meu livro, “Parteiras, buchudas e aperreios”, de 2011.²

Entrevistadores - Você fez pesquisa fora do país, certo? Como foi a experiência? Qual a diferença da formação lá e aqui no Brasil que você tenha percebido?

Soraya Resende Fleischer - Fiz minha pesquisa de mestrado, foi realizada nos EUA. Passei três meses em Boston, Massachussets, conhecendo e convivendo com mulheres brasileiras que por lá escolheram fazer faxina doméstica. Eram as “housecleaners”, como preferiam ser chamadas (em vez de faxineiras, domésticas, diaristas, empregadas etc.).

Foi uma experiência muito bacana porque eu consegui encontrar um tema que era notado e descrito rapidamente por todo mundo que vinha pesquisando a emigração brasileira para os EUA, mas que não havia recebido uma boa atenção até aquele momento. O trabalho doméstico é fundamental para entendermos a migração de forma geral. Então, a escolha do tema foi feliz e rendeu muito tanto no diálogo com essas 41 mulheres que conheci quanto com meus pares que vinham escrevendo sobre a migração.

Foi feliz também porque eu tive que colocar em prática muito do que vinha acumulando na graduação e mestrado, em termos de como encontrar as pessoas, consultá-las sobre me receber, fazer perguntas, me fazer compreendida nessas perguntas, sentir-me muito cansada da rotina pesada de visitar essas pessoas e ainda escrever longos e detalhados diários de campo, transcrever fitas e fichar textos que ia encontrando nas bibliotecas que frequentei. Sem falar no frio invernal que tive que suportar, mesmo tendo uma profunda antipatia por temperaturas abaixo dos dois dígitos. Eu tive que inventar minha maneira de fazer pesquisa ao mesmo tempo em que a pesquisa precisava ser realizada. Não foi fácil, mas foram meses de muitíssimo aprendizado.

Embora a minha formação profissional não tenha acontecido lá, pude perceber como é dádioso ter uma boa estrutura universitária para trabalhar. Estive associada ao David Rockefeller Center for Latin American Studies, na Universidade de Harvard, onde todos sabiam de minha pesquisa e sempre

² *Parteiras, buchudas e aperreios: Uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial em Melgaço, Pará*. Santa Cruz do Sul/RS -Belém/PA: EDUNISC e Paka Tatu, 2011.

vinham me dar dicas de leituras e de nomes para conhecer no campus que se relacionavam com meu tema de pesquisa. Havia um espaço de escritório bastante confortável (e abrigado do frio) para escrever meus diários e ler meus textos. Além disso, as bibliotecas de Harvard são impressionantes. Pude encontrar muito material e um espaço muito agradável para estudar. Imagino que essa estrutura poderia ser idêntica no nosso país – em todos os níveis – se tivéssemos coragem de destinar os recursos certos para a educação e para o ato de ler e estudar.

O que posso dizer também é que torna-se fundamental como antropólogos/as que viajemos. Precisamos nos descentrar simbólica e fisicamente. Sair de nosso bairro, nossa cidade, nossa região e país é, literalmente, abrir os olhos. Eu já conhecia Boston, mas nunca havia passado três meses andando por suas ruas, observando sua população e organização urbana. Aprendi não somente sobre o housecleaning brasileiro naquela cidade. Hoje em dia, 16 anos depois, vejo que há muito mais oportunidades de bolsas, intercâmbios, convênios, financiamento para que projetos sejam realizados em outros lugares, perto ou longe de casa. Sugiro que os/as estudantes atentem para isso e aventurem-se pelo mundo a fora.

Entrevistadores - Qual a dica que você daria pra quem está começando a traçar um percurso na área da antropologia e/ou começando a fazer trabalho de campo?

Soraya Resende Fleischer - Hoje em dia, professora no departamento que me formou, eu tenho a chance de acompanhar meus estudantes navegando pela mesma grade curricular, com várias “crises de meio de curso”, com inquietações e inadequações semelhantes ao que eu experimentei nos anos 1990, quando cursava minha graduação ali. Uma das coisas que tenho tentado criar para eles é um espaço para que possam compartilhar, de forma despretensiosa, seus achados em campo e, sobretudo, suas inseguranças ao realizá-lo. Criar espaços assim não é fácil porque a vida acadêmica, não apenas na Antropologia, convencionou-se de forma individual. A ideia de “pesquisador/a” é solitária, fazendo descobertas “incríveis”, mas sozinho, assumindo os ônus e bônus disso. Mas eu tenho visto que espaços para compartilhar – relatos, diários de campo, desabafos, sugestões e primeiros voos analíticos – são fundamentais para que esses estudantes possam, pouco a pouco, se ouvir, se conhecer e encontrar sua própria forma de serem antropólogos/as. Ao ler o diário editado de um/a colega, o/a estudante aprende sobre formas de registrar o vivido, sobre como contornar uma “saia justa” apresentada por um interlocutor/a em campo, sobre como manter-se ético na relação consigo e com as pessoas, como textualizar experiências que são tridimensionais etc. Não só diários de campo, mas rascunhos de capítulos, resumos para congressos, trabalhos finais de disciplinas, por exemplo, podem ser compartilhados. Estimulo também que eles/as façam pesquisa juntos/as, vão a campo junto/as, entrevistem e transcrevam entrevistas de forma dividida. Se eu tivesse tido companhia em campo na graduação, teria ido muito mais longe, teria tido insights mais interessantes, teria aprendido a esperar o tempo do outro, tanto o/a meu/minha colega em campo quanto o outro em foco na pesquisa.

Assim, tenho tentado inventar formas que facilitem esse ritual iniciativo de meus/minhas estudantes em campo, embora eu reconheça que há uma dimensão importante do aprendizado que é bastante existencial, que cada um/a aprende sozinho/a, em diálogo interior. Mas há muito de antropologia que pode se feito em diálogo com nossos pares. Realmente acho que pesquisas coletivas e espaços de convivência têm o potencial de fazer a antropologia menos autoritária, hierárquica, etnocêntrica, solitária e sofrida³. Remeto-me às experiências que tive enquanto graduanda e tento criar maneiras para que meus/minhas estudantes possam suplantar dificuldades semelhantes; mas tento manter-me sensível para as dificuldades que eles/as encontram, que são tão específicas de seu

3 Com a ideia de reunir e, sobretudo, compartilhar aprendizados, para que todos/as enfrentamos o “trabalho de campo” de forma menos solitária, minha querida amiga Alinne Bonetti e eu organizamos o livro “Entre saias justas e jogos de cintura”, Santa Cruz do Sul: Edusc, 2007. Sugiro a leitura àqueles que estão prestes a se aventurar por um novo campo de pesquisa.

tempo na UnB atualmente. Ofereço-me para também acompanhá-los/las em campo, não só para ensinar – na prática – algumas coisas que sei, mas também para observar como eles/as encontram soluções para os desafios que o campo lhes oferece. Aprendo muito com meus/minhas estudantes, todos os dias. E sou grata a todos/as eles/as por me deixarem ficar por perto. Monique Batista, Hugo Cardoso, Eduardo Couto, Paulo Coutinho, Caio Capella, Fernanda Benedete, Marina Flores, Polliana Esmeralda, Natharry Almeida, Natália Almeida, Alice Cidade, Natalia Silveira, Rosana Castro, Pedro Brandão, Raysa Martins, Gretel Echazú, Julia Sakamoto, por exemplo, têm me ensinado muita coisa.

Além disso, gostaria de sugerir a quem está querendo começar um caminho na antropologia o seguinte. Por mais fascinante que a antropologia possa parecer, ela não é produzida com base em talento e inspiração. Da mesma forma que destaquei na minha passagem pelas Artes Plásticas, a antropologia também é produzida por trabalho duro. E isso quer dizer que não é o suficiente irmos a campo meia dúzia de vezes, falarmos com meia dúzia de pessoas. (Já escrevi um pouco sobre esse “efeito meia dúzia” em um artigo que saiu na revista *PerCursos*, da UDESC⁴). A antropologia é um ofício bastante artesanal, é feito da matéria da vida, daquilo que acontece no cotidiano das pessoas. Requer que estejamos disponíveis e atentos para esses pormenores diários, as filigranas do que é dito, feito, intencionado etc. Precisamos estar ali com as pessoas fazendo perguntas, mas também observando-as nas relações com as outras pessoas. Isso requer tempo, requer trabalho braçal de voltar para casa e, na mesma noite se possível, registrar o que foi ouvido, visto e compreendido em nossos diários de campo. E depois voltar inúmeras vezes para estabelecer novos contatos, novas conversas. Então, a antropologia requer disciplina, amor ao trabalho, de verdade. Não esperem produzir boa antropologia com esporádicas epifanias mágicas que surgem em nossas mentes.

Para além da experiência empírica, devidamente vivida e descrita, é preciso também conhecer como outras pessoas fazem antropologia. Só assim será possível conhecer diferentes estilos e beber naquele(s) que lhe satisfaz(em). Além de artigos e livros especificamente sobre seus temas de pesquisa, é preciso ler entrevistas e relatos autobiográficos de antropólogos/as e, sobretudo, etnografias completas. Vejo como isso é raro no perfil de universidades que temos, que por uma questão de tempo (e talvez também por comodidade) sugerem que artigos e pequenos textos sejam lidos. Sim, funcionam muito bem na maioria das vezes. Mas as etnografias completas, publicadas ou na forma de dissertações e teses, são o fundamento de nossa área. Ler uma etnografia completa é uma experiência de transporte à realidade vivenciada por aquele/a pesquisador/a. Acompanhar a leitura de um texto de 200, 300 páginas requer tempo. Não estou falando apenas de tempo cronológico, a passagem das horas necessárias para finalizar essa leitura, mas do tempo emocional de se deixar impregnar pelo que aquele/a autor/a viveu, no ritmo que ele/a escolheu para narrar isso. O tamanho de nossas etnografias também se refere ao espaço necessário para que possamos conduzir nossos/as leitores/as pelo que vimos e aprendemos. Então, sugiro que os/as graduandos/as se permitam, nas férias e/ou durante as aulas, ler etnografias completas, antigas e contemporâneas; de autores/as de sua universidade como de outras; de colegas de graduação, como de mestres/as e doutores/as também.

Por fim, acho que precisamos estar em constante exercitar de nossa curiosidade. Isso quer dizer, arregalar os nossos olhos, prestar atenção nas coisas, perceber que mesmo as pessoas aparentemente desinteressantes têm assuntos que podem nos capturar. Permitir-se ouvir temas e conversas que não têm nada a ver com a nossa vida. Uma forma de exercitar essa curiosidade e, ao mesmo tempo, treinar uma técnica de pesquisa fundamental, é incentivar o “papo furado”. Esperando na fila do banco, viajando do lado de alguém no metrô, visitando a casa da família extensa do namorado, buscando o filho na escola, escolhendo batatas no supermercado – essas são todas oportunidades de puxar papo e conhecer pessoas que talvez nunca mais cruzem nosso caminho. Aproveitem os

4 “Atenção básica de saúde, cronicidade e Ceilândia: O que tudo isso tem a ver com o ensino da Antropologia?”. *PerCursos (Florianópolis)*, v. 13, p. 23-39, 2012.

assuntos que as pessoas lhe propõem nessas ocasiões, formulem novas perguntas sobre esses assuntos e devolvam às pessoas, ouçam o que estão dizendo, tentem compreender o que estão lhes contando, puxem mais papo, façam novas perguntas, peçam exemplos dos enunciados que estão disparando e por aí vai. Todas essas pessoas têm algo para nos ensinar, basta que tenhamos uma atitude de abertura para acolher o que estão contando sobre suas vidas. Aprender a conversar é fundamental para qualquer antropólogo/a e acho que nossa cultura brasileira nos ajuda muito a aperfeiçoar essa ferramenta porque somos vocais, temos uma tradição oral muito forte, primamos pela simpatia e cordialidade.